

# TRADUCCIÓN COMENTADA DE *IDEIAS DE CANÁRIO*, DE MACHADO DE ASSIS, AL ESPAÑOL



PABLO CARDELLINO SOTO

## **Ideias de canário**

Um homem dado a estudos de ornitologia, por nome Macedo, referiu a alguns amigos um caso tão extraordinário que ninguém lhe deu crédito. Alguns chegam a supor que Macedo virou o juízo. Eis aqui o resumo da narração.

No princípio do mês passado, — disse ele, — indo por uma rua, sucedeu que um tálburi à disparada, quase me atirou ao chão. Escapei saltando para dentro de uma loja de belchior. Nem o estrépito do cavalo e do veículo, nem a minha entrada fez levantar o dono do negócio, que cochilava ao fundo, sentado numa cadeira de abrir. Era um frangalho de homem, barba cor de palha suja, a cabeça enfiada em um gorro esfarrapado, que provavelmente não achara comprador. Não se adivinhava nele nenhuma história, como podiam ter alguns dos objetos que vendia, nem se lhe sentia a tristeza austera e desenganada das vidas que foram vidas.

A loja era escura, atulhada das coisas velhas, tortas, rotas, enxovalhadas, enferrujadas que de ordinário se acham em tais casas,

## **Ideas de canario**

Un hombre dado a estudios de ornitología, de nombre Macedo, refirió a algunos amigos una anécdota tan extraordinaria que nadie le dio crédito. Algunos llegan a suponer que Macedo perdió el juicio. He aquí el resumen de la narración.

A principios del mes pasado —dijo—, yendo por una calle, sucedió que un tálburi a la carrera casi me tira al suelo. Me escapé saltando hacia dentro de un cambalache. Ni el estrépito del caballo y del vehículo, ni mi entrada hicieron levantar al dueño del negocio, que dormitaba en el fondo sentado en una silla plegable. El hombre era un estropajo, barba color paja sucia, la cabeza metida en un gorro zaparrastroso, que probablemente no había encontrado comprador. No se adivinaba en él ninguna historia, como podían tenerla algunos de los objetos que vendía, ni se le sentía la tristeza austera y desengañada de las vidas que fueron vidas.

El local era oscuro, atiborrado de las cosas viejas, torcidas, rotas, mugrientas, herrumbradas que normalmente se encuentran en

tudo naquela meia desordem própria do negócio. Essa mistura, posto que banal, era interessante. Panelas sem tampa, tampas sem panela, botões, sapatos, fechaduras, uma saia preta, chapéus de palha e de pelo, caixilhos, binóculos, meias casacas, um florete, um cão empalhado, um par de chinelas, luvas, vasos sem nome, dragonas, uma bolsa de veludo, dois cabides, um bodoque, um termômetro, cadeiras, um retrato litografado pelo finado Sisson, um gamão, duas máscaras de arame para o carnaval que há de vir, tudo isso e o mais que não vi ou não me ficou de memória, enchia a loja nas imediações da porta, encostado, pendurado ou exposto em caixas de vidro, igualmente velhas. Lá para dentro, havia outras coisas mais e muitas, e do mesmo aspecto, dominando os objetos grandes, cômodas, cadeiras, camas, uns por cima dos outros, perdidos na escuridão.

Ia a sair, quando vi uma gaiola pendurada da porta. Tão velha como o resto, para ter o mesmo aspecto da desolação geral, faltava-lhe estar vazia. Não estava vazia. Dentro pulava um canário. A cor, a animação e a graça do passarinho davam àquele amontoado de destroços uma nota de vida e de mocidade. Era o último passageiro de algum naufrágio, que ali foi parar íntegro e alegre como dantes. Logo que olhei para ele, entrou a saltar mais, abaixo e acima, de poleiro em poleiro, como se quisesse dizer que no meio daquele cemitério brincava um raio de sol. Não atribuo essa imagem ao canário, senão porque falo a gente retórica; em verdade, ele não pensou em cemitério nem sol, segundo me disse depois. Eu, de envolta com o parazer que me trouxe aquela vista,

esas casas, todo en ese semidesorden propio del negocio. Esa mezcla, aunque banal, era interesante. Ollas sin tapa, tapas sin olla, botones, zapatos, cerraduras, una falda negra, sombreros de paja y de fieltro, marcos, binoculares, chaqués, un florete, un perro embalsamado, un par de chinelas, guantes, flores sin nombre, charreteras, una cartera de terciopelo, dos percheros, una honda, un termómetro, sillas, un retrato litografiado por el finado Sisson, un backgammon, dos máscaras de alambre para el carnaval que vendrá, todo eso y lo que no vi o no me quedó de memoria atestaba la tienda en las inmediaciones de la puerta, apoyado, colgado o exhibido en vitrinas igualmente viejas. Más al fondo había otras cosas más y muchas, y con el mismo aspecto, sobre todo objetos grandes, cómodas, sillas, camas, unos sobre otros, perdidos en la oscuridad.

Iba a salir cuando vi una jaula colgada de la puerta. Aunque vieja como el resto, para tener el mismo aspecto de desolación general le faltaba estar vacía. No estaba vacía. Dentro saltaba un canario. El color, la animación y la gracia del pajarito daban a aquel montón de destrozos un tono de vida y de juventud. Era el último pasajero de algún naufragio, que fue a parar allí íntegro y alegre como antes. Apenas lo miré empezó a saltar más, abajo y arriba, de varilla en varilla, como si quisiera decir que en medio de aquel cementerio jugueteaba un rayo de sol. No atribuyo esa imagen al canario, sino porque hablo a gente retórica; en realidad, él no pensó en cementerio ni sol, según me dijo después. Yo, sumido en el placer que me produjo esa visión, me sentí indignado

senti-me indignado do destino do pássaro, e murmurei baixinho palavras de azedume.

— Quem seria o dono execrável deste bichinho, que teve ânimo de se desfazer dele por alguns pares de níqueis? Ou que mão indiferente, não querendo guardar esse companheiro de dono defunto, o deu de graça a algum pequeno, que o vendeu para ir jogar uma quinie-la?

E o canário, quedando-se em cima do poleiro, trilou isto:

— Quem quer que sejas tu, certamente não estás em teu juízo. Não tive dono execrável, nem fui dado a nenhum menino que me vendesse. São imaginações de pessoa doente; vai-te curar, amigo...

— Como? interrompi eu, sem ter tempo de ficar espantado. Então o teu dono não te vendeu a esta casa? Não foi a miséria ou a ociosidade que te trouxe a este cemitério, como um raio de sol?

— Não sei que seja sol nem cemitério. Se os canários que tens visto usam o primeiro desses nomes, tanto melhor, porque é bonito, mas estou que confundes.

— Perdão, mas tu não vieste para aqui à toa, sem ninguém, salvo se o teu dono foi sempre aquele homem que ali está sentado.

— Que dono? Esse homem que aí está é meu criado, dá-me água e comida todos os dias, com tal regularidade que eu, se devesse pagar-lhe os serviços, não seria com pouco; mas os canários não pagam criados. Em verdade, se o mundo é propriedade dos canários, seria extravagante que eles pagassem o que está no mundo.

Pasmado das respostas, não sabia que mais admirar, se a linguagem, se as ideias. A linguagem, posto me entrasse pelo ouvido co-

con el destino del pájaro y murmuré bajito palabras agrias.

— ¿Quién sería el dueño execrable de este bichito, que tuvo el ánimo de deshacerse de él por unas pocas monedas? ¿O qué mano indiferente, sin querer acoger a este compañero de dueño difunto lo dio a algún pequeño, que lo vendió para ir a jugarse una quiniela?

Y el canario, deteniéndose encima de la varilla, trinoó esto:

—Seas quien seas, ciertamente no estás en tu sano juicio. No tuve dueño execrable ni fui dado a niño alguno que me vendiese. Eso son imaginaciones de persona enferma; ve a tratarte, amigo.

—¿Cómo? —lo interrumpí sin tiempo de quedarme asombrado. ¿Entonces tu dueño no te vendió a esta casa? No fue la miseria ni la ociosidad lo que te trajo a este cementerio, como un rayo de sol?

—No sé qué será sol ni cementerio. Si los canarios que has visto usan el primero de esos nombres, tanto mejor, porque es bonito, pero me parece que te confundes.

—Perdón, pero tú no viniste aquí por acaso, sin nadie, salvo si tu dueño fue siempre aquel hombre que está allí sentado.

—¿Qué dueño? Ese hombre de allí es mi criado, me da agua y comida todos los días, con tal regularidad que si yo tuviera que pagarle sus servicios no sería con poco; pero los canarios no pagan criados. En verdad, si el mundo es propiedad de los canarios, sería extravagante que pagaran lo que está en el mundo.

Pasmado con las respuestas, no sabía qué admirar más, si el lenguaje, si las ideas. El lenguaje, aunque al entrarme por el oído pa-

mo de gente, saía do bicho em trilos engraçados. Olhei em volta de mim, para verificar se estava acordado; a rua era a mesma, a loja era a mesma loja escura, triste e úmida. O canário, movendo a um lado e outro, esperava que eu lhe falasse. Perguntei-lhe então se tinha saudades do espaço azul e infinito...

— Mas, caro homem, trilou o canário, que quer dizer espaço azul e infinito?

— Mas, perdão, que pensas deste mundo? Que coisa é o mundo?

— O mundo, redarguiu o canário com certo ar de professor, o mundo é uma loja de belchior, com uma pequena gaiola de taquara, quadrilonga, pendente de um prego; o canário é senhor da gaiola que habita e da loja que o cerca. Fora daí, tudo é ilusão e mentira.

Nisto acordou o velho, e veio a mim arrastando os pés. Perguntou-me se queria comprar o canário. Indaguei se o adquirira, como o resto dos objetos que vendia, e soube que sim, que o comprara a um barbeiro, acompanhado de uma coleção de navalhas.

— As navalhas estão em muito bom uso, concluiu ele.

— Quero só o canário.

Paguei-lhe o preço, mandei comprar uma gaiola vasta, circular, de madeira e arame, pintada de branco, e ordenei que a pusessem na varanda da minha casa, donde o passarinho podia ver o jardim, o repuxo e um pouco do céu azul.

Era meu intuito fazer um longo estudo do fenómeno, sem dizer nada a ninguém, até poder assombrar o século com a minha extraordinária descoberta. Comecei

recía humano, saía del bicho en trinos curiosos. Miré a mi alrededor para verificar si estaba despierto; la calle era la misma, la tienda era la misma tienda oscura, triste y húmeda. El canario, moviéndose de un lado a otro, esperaba que yo le hablara. Le pregunté entonces si añoraba el espacio azul e infinito...

—Pero, estimado hombre, trinó el canario, ¿qué quiere decir espacio azul e infinito?

—Pero, perdona, ¿qué piensas de este mundo? ¿Qué cosa es el mundo?

—El mundo —retrucó el canario con un cierto aire profesoral—, el mundo es un cambalache, con una pequeña jaula de tacuara, rectangular, colgada de un clavo; el canario es el señor de la jaula que habita y del cambalache que lo rodea. Fuera de allí, todo es ilusión y mentira.

En eso se despertó el viejo y vino hacia mí arrastrando los pies. Me preguntó si quería comprar el canario. Indagué si lo había adquirido, como el resto de los objetos que vendía, y supe que sí, que lo había comprado a un barbero, acompañado por una colección de navajas.

—Las navajas están en muy buen uso, concluyó.

—Quiero solo el canario.

Le pagué el precio, mandé comprar una jaula vasta, circular, de madera y alambre, pintada de blanco, y ordené que la pusieran en la galería de mi casa, de donde el pajarito podía ver el jardín, el surtidor y un poco de cielo azul.

Tenía yo la intención de hacer un largo estudio del fenómeno, sin decir nada a nadie, hasta poder asombrar al siglo con mi extraordinario descubrimiento. Empecé por

por alfabetar a língua do canário, por estudar-lhe a estrutura, as relações com a música, os sentimentos estéticos do bicho, as suas ideias e reminiscências. Feita essa análise filológica e psicológica, entrei propriamente na história dos canários, na origem deles, primeiros séculos, geologia e flora das ilhas Canárias, se ele tinha conhecimento da navegação, etc. Conversávamos longas horas, eu escrevendo as notas, ele esperando, saltando, trilando.

Não tendo mais família que dois criados, ordenava-lhes que não me interrompessem, ainda por motivo de alguma carta ou telegrama urgente, ou visita de importância. Sabendo ambos das minhas ocupações científicas, acharam natural a ordem, e não suspeitaram que o canário e eu nos entendíamos.

Não é mister dizer que dormia pouco, acordava duas e três vezes por noite, passeava à toa, sentia-me com febre. Afinal tornava ao trabalho, para reler, acrescentar, emendar. Retifiquei mais de uma observação, — ou por havê-la entendido mal, ou porque ele não a tivesse expresso claramente. A definição do mundo foi uma delas. Três semanas depois da entrada do canário em minha casa, pedi-lhe que me repetisse a definição do mundo.

— O mundo, respondeu ele, é um jardim assaz largo com rupeo no meio, flores e arbustos, alguma grama, ar claro e um pouco de azul por cima; o canário, dono do mundo, habita uma gaiola vasta, branca e circular, donde mira o resto. Tudo o mais é ilusão e mentira.

Também a linguagem sofreu algumas retificações, e certas conclusões, que me tinham parecido

alfabetizar la lengua del canario, por estudiar su estructura, sus relaciones con la música, los sentimientos estéticos del bicho, sus ideas y reminiscencias. Hecho el análisis filológico y psicológico, entré propiamente en la historia de los canarios, en su origen, primeros siglos, geología y flora de las islas Canarias, si él tenía conocimiento de la navegación, etc. Conversávamos largas horas, yo tomando notas, él esperando, saltando, trinando.

Sin más familia que dos criados, les ordenaba que no me interrumpieran, aunque llegara alguna carta o telegrama urgente, o alguna visita importante. Como ambos sabían de mis ocupaciones científicas, la orden les pareció natural y no sospecharon que el canario y yo nos entendíamos.

No es menester decir que dormía poco, me despertaba dos o tres veces por noche, deambulaba, me sentía afebrado. Por fin volvía al trabajo para releer, añadir, emendar. Rectifiqué más de una observación —o por haberla entendido mal, o porque él no la había expresado claramente—. La definición del mundo fue una de ellas. Tres semanas después de la entrada del canario en mi casa, le pedí que me repitiera la definición del mundo.

—El mundo, respondió él, es un jardín asaz amplio con surtidor en el medio, flores y arbustos, algún césped, aire limpio y un poco de azul por arriba; el canario, dueño del mundo, habita una jaula vasta, blanca y circular, desde donde observa el resto. Todo lo demás es ilusión y mentira.

También el lenguaje sufrió algunas rectificaciones, y ciertas conclusiones, que me habían pare-

simples, vi que eram temerárias. Não podia ainda escrever a memória que havia de mandar ao Museu Nacional, ao Instituto Histórico e às universidades alemãs, não porque faltasse matéria, mas para acumular primeiro todas as observações e ratificá-las. Nos últimos dias, não saía de casa, não respondia a cartas, não quis saber de amigos nem parentes. Todo eu era canário. De manhã, um dos criados tinha a seu cargo limpar a gaiola e por-lhe água e comida. O passarinho não dizia nada, como se soubesse que a esse homem faltava qualquer preparo científico. Também o serviço era o mais sumário do mundo; o criado não era amador de pássaros.

Um sábado amanheci enfermo, a cabeça e a espinha doíam-me. O médico ordenou absoluto repouso; era excesso de estudo, não devia ler nem pensar, não devia saber sequer o que se passava na cidade e no mundo. Assim fiquei cinco dias; no sexto levantei-me, e só então soube que o canário, estando o criado a tratar dele, fugira da gaiola. O meu primeiro gesto foi para esganar o criado; a indignação sufocou-me, caí na cadeira, sem voz, tonto. O culpado defendeu-se, jurou que tivera cuidado, o passarinho é que fugira por astuto...

— Mas não o procuraram?

— Procuramos, sim, senhor; a princípio trepou ao telhado, trepei também, ele fugiu, foi para uma árvore, depois escondeu-se não sei onde. Tenho indagado desde ontem, perguntei aos vizinhos, aos chacareiros, ninguém sabe nada.

Padeci muito; felizmente, a fadiga estava passada, e com algumas horas pude sair à varanda e ao

cido simples, vi que eran temerarias. Aún no podía escribir la memoria que iba a mandar al Museo Nacional, al Instituto Histórico y a las universidades alemanas, no porque me faltara materia sino para acumular primero todas las observaciones y ratificarlas. En los últimos días no salía de casa, no contestaba cartas, no quise saber nada de amigos ni parientes. Todo yo era canario. De mañana, uno de los criados tenía a su cargo limpiar la jaula y ponerle agua y comida. El pajarito no decía nada, como si supiera que a ese hombre le faltaba toda preparación científica. También el servicio era el más sumario del mundo: el criado no era aficionado a los pájaros.

Un sábado amanecí enfermo, me dolían la cabeza y la espina. El médico me ordenó reposo absoluto; era exceso de estudio, no debía leer ni pensar, no debía saber siquiera lo que pasaba en la ciudad y en el mundo. Así pasé cinco días; al sexto me levanté, y sólo ahí supe que el canario, mientras el criado se ocupaba de él, había huido de la jaula. Mi primer gesto fue acogotar al criado; la indignación me sofocó, caí en la silla, sin voz, abrumado. El culpado se defendió, juró que había tenido cuidado; el pajarito se había escapado de astuto, no más...

— ¿Pero no lo buscaron?

— Sí, señor, lo buscamos; al principio se trepó al tejado, me trepé también; el huyó, se fue a un árbol, después se escondió no sé dónde. He indagado desde ayer, pregunté a los vecinos, en las quintas, nadie sabe nada.

Sufrí mucho; por suerte, la fatiga había pasado y tras algunas horas pude salir a la galería y al

jardim. Nem sombra de canário. Indaguei, corri, anunciei, e nada. Tinha já recolhido as notas para compor a memória, ainda que truncada e incompleta, quando me succedeu visitar um amigo, que ocupa uma das mais belas e grandes chácaras dos arrabaldes. Passeávamos nela antes de jantar, quando ouvi trilar esta pergunta:

— Viva, Sr. Macedo, por onde tem andado que desapareceu?

Era o canário; estava no galho de uma árvore. Imaginem como fiquei, e o que lhe disse. O meu amigo cuidou que eu estivesse doído; mas que me importavam cuidados de amigos? Falei ao canário com ternura, pedi-lhe que viesse continuar a conversação, naquele nosso mundo composto de um jardim e repuxo, varanda e gaiola branca e circular...

— Que jardim? que repuxo?

— O mundo, meu querido.

— Que mundo? Tu não perdes os maus costumes de professor. O mundo, concluiu solenemente, é um espaço infinito e azul, com o sol por cima.

Indignado, retorqui-lhe que, se eu lhe desse crédito, o mundo era tudo; até já fora uma loja de belchior...

— De belchior? trilou ele às bandeiras despregadas. Mas há mesmo lojas de belchior?

jardín. Ni sombra de canario. Indagué, corrí, anuncié, y nada. Ya había reunido las notas para componer la memoria, aunque truncada e incompleta, cuando me ocurrió visitar a un amigo, que ocupa una de las más bellas y grandes quintas de las afueras. Paseábamos por ella antes de cenar cuando oí trinar esta pregunta:

— Viva, Sr. Macedo, ¿por dónde andaba que desapareció?

Era el canario; estaba en la rama de un árbol. Imagínense cómo me quedé, y lo que le dije. Mi amigo se pensó que yo estaba chiflado, ¿pero qué me importaba lo que pensarán los amigos? Le hablé al canario con ternura, le pedí que viniera a continuar la conversación en aquel mundo nuestro compuesto de un jardín y surtidor, galería y jaula blanca y circular...

—¿Qué jardín? ¿Qué surtidor?

—El mundo, querido.

—¿Que mundo? Tú no pierdes tus malas costumbres de profesor. El mundo, concluyó solemnemente, es un espacio infinito y azul, con el sol por arriba.

Indignado, le repliqué que de darle crédito, el mundo lo era todo; ya había sido hasta un cambalache...

—¿Un cambalache? trinó él a banderas desplegadas. ¿Pero hay realmente cambalaches?

\*\*\*\*\*

*Tradução de Pablo Cardellino Soto  
pablocardellino@gmail.com  
Universidade Federal de Santa Catarina*

*Fonte: Machado de Assis. "Ideias de canario", in  
Páginas Recolhidas. 1899.*

**MACHADO DE ASSIS** (1839-1908) ha sido bastante publicado en el mundo hispano, y aunque sea razonablemente conocido dentro del ámbito académico y de las Letras (tal vez más conocido que leído, como ocurre tantas veces con los grandes) dista de ser considerado un escritor consumido por las masas. En otra investigación que será publicada este año<sup>1</sup> averigüé ya la existencia de más de 135 ediciones de textos de Machado en español, muchas de ellas de circulación bastante restringida al medio académico, aunque otras, por el contrario, han recorrido el mundo hispano en diferentes medidas.

“Ideias de canário” fue publicado en la *Gazeta de Notícias* en 1895 y, en libro, en *Páginas recolhidas*, en 1899. Se trata, por lo tanto, de un texto posterior a los años más prolíficos del Machado cuentista, que, como observa John Gledson<sup>2</sup> —para quien los cuentos no representan un género menor dentro de la obra machadiana sino que están entre sus más importantes textos—, ocupan la década de 1878 a 1888. A esa altura, Machado ya era un cuentista plenamente maduro y había escrito la mayor parte de sus mejores cuentos. Gledson recuerda que, ya en su conocido texto “Instinto de nacionalidad”, Machado declaraba que era su deseo ser un escritor profundamente brasileño pero al mismo tiempo universal (MACHADO, [s.f.]). La clave que desarrolló en su esfuerzo por conseguirlo incluyó el uso del humor y la ironía, una ironía que cruza cada línea de los cuentos y que muchas veces se apoya en un estilo paródico: un lenguaje bíblico, filosófico, periodístico, etc. En este artículo discutiré la traducción de “Ideias de canário”, traducción que realicé específicamente con este propósito y antecede estas líneas, con atención especial a los trazos alegóricos e irónicos del texto. Además de mi propia traducción, también utilicé la de Santiago Kovadloff<sup>3</sup>, publicada originalmente en Caracas<sup>4</sup> dentro del volumen Cuentos de la Biblioteca Ayacucho.

Esta antología caraqueña cuenta también con el ensayo “Situaciones machadianas”, de Alfredo Bosi, donde el autor describe los que llama “cuentos teoría” en los cuales, según él, Machado discute

[...] bizarras y paradójicas teorías que, en verdad, persiguen el sentido de las relaciones sociales más comunes y revelan algo como la estructura profunda y recurrente de las instituciones.

[...]

El tono que penetra esos cuentos-teorías no es, rigurosamente, el sarcasmo del satírico, ni la indignación, la santa ira del moralista, ni la impaciencia del utópico. Diría, más bien, que es la amargura de quien observa una necesidad

<sup>1</sup> Freitas, Luana Ferreira de, Guerini, Andréia & Costa, Walter Carlos (orgs.). *Machado de Assis tradutor e traduzido*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011.

<sup>2</sup> Gledson, John. “Uma breve introdução aos contos de Machado de Assis”. In: *Machado de Assis. 50 contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. Selección, introdução e notas de John Gledson.

<sup>3</sup> Dispongo también de una edición de “Ideas de Canario” publicada en Montevideo por Lectores de la Banda Oriental, pero es evidente que se trata de la misma traducción de Kovadloff —no mencionado en la edición— con pequeños cambios que no interfieren en nada con los aspectos que critico en ella. Por eso no la utilicé en este trabajo, aunque pueda resultar de interés intentar comprender lo que motivó las alteraciones presentes en la edición.

<sup>4</sup> Machado de Assis, Joaquim Maria. *Cuentos*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1978. Traducción de Santiago Kovadloff. Selección y estudio preliminar de Alfredo Bosi. Disponible en <[http://www.bibliotecayacucho.gob.ve/fba/index.php?id=97&no\\_cache=1&download=Machado\\_de\\_Assis\\_Cuentos.pdf&catalogUid=33&filetype=ayaDigit](http://www.bibliotecayacucho.gob.ve/fba/index.php?id=97&no_cache=1&download=Machado_de_Assis_Cuentos.pdf&catalogUid=33&filetype=ayaDigit)>. Acceso: 20/feb2011.



objetiva que une el alma mudable y débil de cada hombre al cuerpo, uno, sólido y ostensible, de la Institución. (p. XV)

Se puede afirmar que “Ideias de canário” se ajusta a esta descripción, aunque es preciso subrayar que las “instituciones” no están presentes en la narrativa en el sentido habitual: la institución que se analiza lo es en sentido abstracto: los horizontes del yo.

También considero necesario analizar el cuento en lo que se refiere a su componente fantástico. Para este análisis, utilizo el abordaje propuesto por Todorov y modificado por Barrenechea. En resumidas cuentas, Todorov propone que lo fantástico existe en el texto mientras dure el titubeo del lector con respecto a la naturaleza de los hechos extraordinarios narrados: según él, al final siempre se sale de la duda y las leyes del mundo se amplían para explicar los hechos narrados, situación que él llama lo *maravilloso*, o se reconoce que los hechos sólo aparentemente escapaban a las leyes del mundo, pero en realidad se ajustaban a ellas, y para él esto es lo *extraño* (TODOROV, 1981, p. 35). Para la verificación de lo fantástico, aún según Todorov, el lector también debe abstenerse de la interpretación poética, donde el interés no está exactamente en los significados sino más bien en los significantes, y de la alegórica, donde los hechos narrados no deben ser tomados al pie de la letra sino con otro sentido, como cuando los animales hablan (p. 42). Cualquiera de los dos casos se sobrepone al eventual titubeo del lector y deshace lo fantástico. Por su parte, Barrenechea sustituye el concepto de duda o titubeo, necesariamente subjetivo e impreciso, por otro que considera más seguro: la problematización de los hechos no normales dentro del texto (BARRENECHEA, 1972, p. 392).

“Idéias de Canário” presenta varias de las características de lo fantástico pero también presenta otras que lo dejarían fuera del género según la definición de Todorov. Hay un canario que habla y un protagonista que narra la historia en primera persona. La narración en primera persona introduce el punto de vista del personaje opacando la veracidad de los hechos narrados. Aunque el habla del canario va contra el sentido común y las leyes más consensuales de la naturaleza, el protagonista acepta el hecho pues el ritmo de los acontecimientos no le permite cuestionarlo: “— Como? interrompi eu, sem ter tempo de ficar espantado.”

Aunque se pudiera explicar el caso como perteneciente a lo maravilloso, la estructura narrativa sugiere la interpretación alegórica: el cuento muestra la clásica estructura de un narrador que presenta a otro que a su vez cuenta la historia en primera persona, con el añadido de que, desde el vamos, el narrador original predispone al lector contra eventuales interpretaciones literales desautorizando al segundo en lo que se refiere al valor de verdad de su historia e desatando la ironía que cruzará cada línea del relato. De todos modos, aun el narrador intradieético está consciente de la transgresión de las leyes del mundo que supone el habla del canario, que se problematiza, como Barrenechea propone para la consideración de lo fantástico, sin perjuicio de que se acepte pragmáticamente para permitir el curso de la narrativa. Esta problematización de los hechos fantásticos se sugiere, por ejemplo, en la frase “sem ter tempo de ficar espantado”, ya que a la vez que los acepta los reconoce como extraordinarios, o, sutilmente, momentos antes, cuando el narrador en primera persona define a sus interlocutores como “gente retórica”, desplazando ya

entonces la atención del hecho alegado de que el canario habla hacia su propia interpretación de ese hecho.

Ese desplazamiento y el contexto en que el narrador lo opera — precisamente una maniobra retórica para sugerir el valor de verdad de su discurso— nos permite ver que la estructura narrativa es una estrategia de representación temática: el hilo conductor del cuento es la evolución de la visión del mundo que tiene el canario. Asociar esa visión a los límites del yo es una interpretación alegórica que también dejaría el cuento decididamente fuera de lo fantástico en la visión de Todorov, pero Barrenechea advierte que la alegoría no excluye lo fantástico: para la autora son dos categorías que se cruzan, pero no se excluyen (BARRENECHEA, 1972, p. 393), como sostiene Todorov. En ese sentido, lo fantástico, que aquí aparece íntimamente ligado a la ironía, sería el lenguaje de la alegoría: la herramienta elegida para discutir el tema de fondo. Es decir, en “Ideias de canario” se confirma lo que ha observado Bastos sobre el uso que hizo Machado de Assis de los elementos fantásticos presentes en la narrativa de algunos cuentos: “ayudan a conformar un tipo de discurso que se vuelca hacia la problematización de asuntos que no son exactamente los de lo fantástico. Para sus fines, el autor muchas veces parodia el subgénero, poniéndolo al servicio de su visión irónica, volcada hacia la deconstrucción de las instituciones establecidas”<sup>5</sup> (BASTOS, 2001, p. 48). A la par de la parodia de la técnica fantástica se percibe el discurso “científico” del narrador personaje, un discurso asimismo paródico e irónico. El elemento narrativo que dispara la percepción de la ironía es, en este caso, la incongruencia entre el científicismo del discurso de Macedo y la falta de base lógica en su razonamiento, como se puede percibir en el primer diálogo de Macedo con el canario, donde a la fértil imaginación de Macedo:

— Quem seria o dono execrável deste bichinho, que teve ânimo de se desfazer dele por alguns pares de níqueis? Ou que mão indiferente, não querendo guardar esse companheiro de dono defunto, o deu de graça a algum pequeno, que o vendeu para ir jogar uma quiniela?

se opone la burlesca sensatez del canario:

— Quem quer que sejas tu, certamente não estás em teu juízo. Não tive dono execrável, nem fui dado a nenhum menino que me vendesse. São imaginações de pessoa doente; vai-te curar, amigo...

---

<sup>5</sup> Traducción mía. Original: “ajudam a conformar um tipo de discurso que está voltado à problematização de questões que não são exatamente aquelas do fantástico. Para seus fins, o autor muitas vezes parodia o subgênero, colocando-o a serviço de sua visão irônica, voltada à desconstrução das instituições estabelecidas”.

### Aspectos de la traducción

En vista de la importancia que tiene en el cuento la visión del mundo por parte del canario, la descripción de los lugares, según él los ve, es clave para el sentido alegórico. Al comprar el canario, el narrador cuenta que “mandei comprar uma gaiola vasta, circular, de madeira e arame, pintada de branco; e ordenei que a pusessem na varanda da minha casa, donde o passarinho podia ver o jardim, o repuxo e um pouco do céu azul”. Es interesante notar que la jaula es “vasta”, un adjetivo hiperbólico, que fue puesta en la “varanda”, es decir, en un espacio exterior cubierto y unido a la casa, desde el cual se puede pasar al jardín, y que en éste hay un “repuxo”, o sea, un objeto ornamental no demasiado grande, adecuado para un espacio privado, aunque posiblemente abierto, como el jardín de una casa. En otras palabras, la descripción del espacio se basa en lo grande de la jaula y lo no muy grande del entorno, que es por añadidura un ambiente limpio y luminoso, una situación simétricamente opuesta a la del cambalache, donde la jaula era pequeña, el ambiente era oscuro y había un amontonamiento desordenado de objetos viejos. Para reproducir ese tipo de descripción mantuve el adjetivo “vasta” para la jaula, y usé “surtidor” y “galería”. En ese sentido, las opciones que hizo Santiago Kovadloff en su traducción, publicada en la importante edición de cuentos de Machado de Assis que salió en 1978 en la Biblioteca Ayacucho, no parecen adecuadas: por un lado “amplia” no es hiperbólico —perdiéndose por eso algo de la oposición grande-pequeño—, y por el otro una “fuente” remite en general a un objeto mayor, más adecuado a los espacios públicos, y un “balcón” no se encuentra generalmente en la planta baja, sino en un piso superior: estas dos soluciones terminan de modificar el entorno y expandir los horizontes del espacio exterior hasta un punto más próximo al tercer y último paso de la trayectoria del canario: el espacio azul e infinito.

En otro orden de cosas, durante el cuento, diversas estrategias textuales son usadas para sucesivamente personificar y cosificar al canario. Tal vez la principal sean los distintos apelativos que los personajes dan al canario: principalmente se lo llama “canário”, pero en momentos clave recibe los apelativos de “passarinho”, “passageiro de algum naufrágio”, “raio de sol”, “pássaro”, “bichinho”, “companheiro de dono defunto”, “bicho”, “senhor”, “fenômeno” y “dono do mundo”. Esa variedad de nombres es importante, y observé mantenerla, así como el registro correspondiente en cada caso. En la traducción de Kovadloff también se mantiene el tipo y registro de esos apelativos, excepto cuando se dice “bicho” y “bichinho”, en que recibe los nombres “ave” —de tono un poco menos despectivo— y “animalito”.

Otro modo de trabajar esta alternancia de personificación y cosificación es el recurso de la analogía. El canario fue comprado por el cambalachero “acompanhado de uma coleção de navalhas”. Humorísticamente, incluso, el cambalachero, ignorando el interés del narrador por el canario, agrega que “as navalhas estão em muito bom uso”, lo que refuerza la cosificación que se opera en ese momento de la narrativa. En la traducción de Kovadloff el canario llegó “junto con una colección de navajas”. Tal vez se pudiera criticar esta decisión del traductor, en la medida en que suaviza la sutil jerarquización implícita en el término “acompanhar”, poniendo a las navajas en el centro y al canario como objeto accesorio, en pro del sentido más

circunstancial establecido por “junto con”. Sin embargo, se debe observar que en español la jerarquización ocasionada por el verbo “acompañar” es más intensa que la de “acompanhar” en portugués. No obstante, en vista de la importancia que el proceso de cosificación-personificación tiene en el cuento, me pareció más adecuado valorizar la cosificación, usándolo. Es importante notar que en vista de que el habla del canario es el principal elemento fantástico del cuento, la personificación y cosificación sucesivas guardan íntima relación con la parodia de la técnica fantástica.

En lo que se refiere a la parodia del discurso científico de Macedo y su carácter irónico, resulta importante retomar la fértil imaginación del personaje y la incongruencia de su razonamiento, mencionada anteriormente. Como vimos, Macedo supone que alguien regaló el canario a algún pequeño, “que o vendeu para ir jogar uma quiniela”. La extrañeza de imaginar que un niño venda el canario para jugar a la quiniela, que a propósito, y sugestivamente, en Brasil es popularmente conocida como “jogo do bicho”,<sup>6</sup> es notoria y reveladora de la incongruencia del pensamiento de Macedo. En ese sentido, me pareció importante reproducirla cabalmente en la traducción: “que lo vendió para ir a jugarse una quiniela”. Kovadloff, por su parte, rechazando el absurdo, tradujo la frase como “que lo vendió para poder comprar golosinas”, lo que resulta inadecuado a la luz de las observaciones realizadas.

Los términos utilizados en relación con las referencias espaciales, con la personificación y cosificación del canario, con el raciocinio errático de Macedo, con la generación de dudas acerca de su juicio por parte del narrador y otros —o, ascendiendo un nivel en la composición del relato, con la generación de lo fantástico o la provocación de la lectura irónica dentro del relato— revelan la precisión textual de Machado de Assis, aun cuando parezcan banales. En efecto, además de la consistencia léxica en la construcción espacial y en el tratamiento dado al canario, que ya mencionamos, dicha precisión se puede notar, por ejemplo, en la construcción del personaje Macedo, que es desautorizado como narrador por el narrador original (“ninguém lhe deu crédito”), por el canario (“Quem quer que sejas tu, certamente não estás em teu juízo. [...] São imaginações de pessoa doente; vai-te curar, amigo...”) y por él mismo, que pretende presentar una memoria a diversas entidades para relatar sus descubrimientos y más tarde reconoce que “certas conclusões, que me tinham parecido simples, vi que eram temerárias”. Todo ello contribuye a la construcción de un lenguaje que recuerda la descripción que hace Schwarz de la prosa de *Memórias póstumas* —“detallista en extremo”<sup>7</sup> (SCHWARZ, [2001], p. 18)—, aunque él se refiera a una cuestión de estilo directamente relacionada a la extensión de dicha novela. No obstante, en “Ideias de canário” se puede percibir esta misma técnica, y en ella se puede notar el famoso movimiento en la comisura de los labios, típico de la ironía, que Machado describe en “Teoria do medalhão”. En algunos casos, se podría decir que las selecciones léxicas de Machado son tan precisas que no le dejan muchas opciones al traductor. No obstante, si el traductor no percibe la organicidad del texto podrá utilizar

<sup>6</sup> El “jogo do bicho” había sido creado en 1892 en el Jardín Zoológico de Río de Janeiro, popularizándose rápidamente. Machado de Assis lo consideraba un terrible flagelo que arrasaba la economía de las clases menos favorecidas (MADEIRA, p. 39), como se puede ver en el cuento “Jogo do bicho”, de 1904.

<sup>7</sup> “detalhista ao extremo”. Traducción mía.

términos imprecisos, como los ejemplos de la traducción de Kovadloff que fueron discutidos.

En lo que al traductor se refiere, estas observaciones pueden ayudar a reproducir en la traducción el estilo machadiano, creando condiciones para que los lectores tengan acceso a la obra de este autor excepcional.

*Pablo Cardellino Soto*  
*pablocardellino@gmail.com*  
*Universidade Federal de Santa Catarina*

### Referências bibliográficas

- BARRENECHEA, Ana María. 1972. Ensayo de una Tipología de la Literatura Fantástica. *Revista Iberoamericana*, jul-sep.
- BASTOS, Semíramis Deusdedith Teixeira. 2001. *Ressonâncias do subgênero Fantástico em Machado de Assis e Guy de Maupassant*. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada). Porto Alegre, UFRGS, 134 f.
- BOSI, Alfredo. 1988. "Situaciones machadianas" [Por: Margara Russotto]. In: *Cuentos*. [Por: Santiago Kovadloff]. 2ªed. Caracas: Biblioteca Ayacucho. Selección y prólogo: Alfredo Bosi.
- MACHADO de Assis, Joaquim Maria. *Cuentos*. [Por: Santiago Kovadloff (cuentos) & Margara Russotto (prólogo)]. 2ªed. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1988. Selección y prólogo: Alfredo Bosi.
- MACHADO de Assis, Joaquim Maria *Noticia de la actual literatura brasileña: Instinto de nacionalidad*. Traducción y notas: Carlos Alberto Pasero. Buenos Aires: UBA, [s.f.]. Disponible en línea: <[http://www.filo.uba.ar/contenidos/carreras/letras/catedras/literatura\\_portuguesa/sitio/tradnoticias.htm](http://www.filo.uba.ar/contenidos/carreras/letras/catedras/literatura_portuguesa/sitio/tradnoticias.htm)>. Acceso: 15-jun-2011.
- MADEIRA, Wagner Martins. *Machado de Assis: homem lúdico: uma leitura de Esaú e Jacó*. São Paulo: Annablume: 2001.
- SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo*. [s.l.]: Duas Cidades / Editora 34, [2001].
- TODOROV, Tzvetan. 1981. *Introducción a la literatura fantástica*. 2ª ed. México, DF: Premia. Traducción de Silvia Delpy.